

1992 Gazeta de Reportagem

Corvo, um herói da periferia

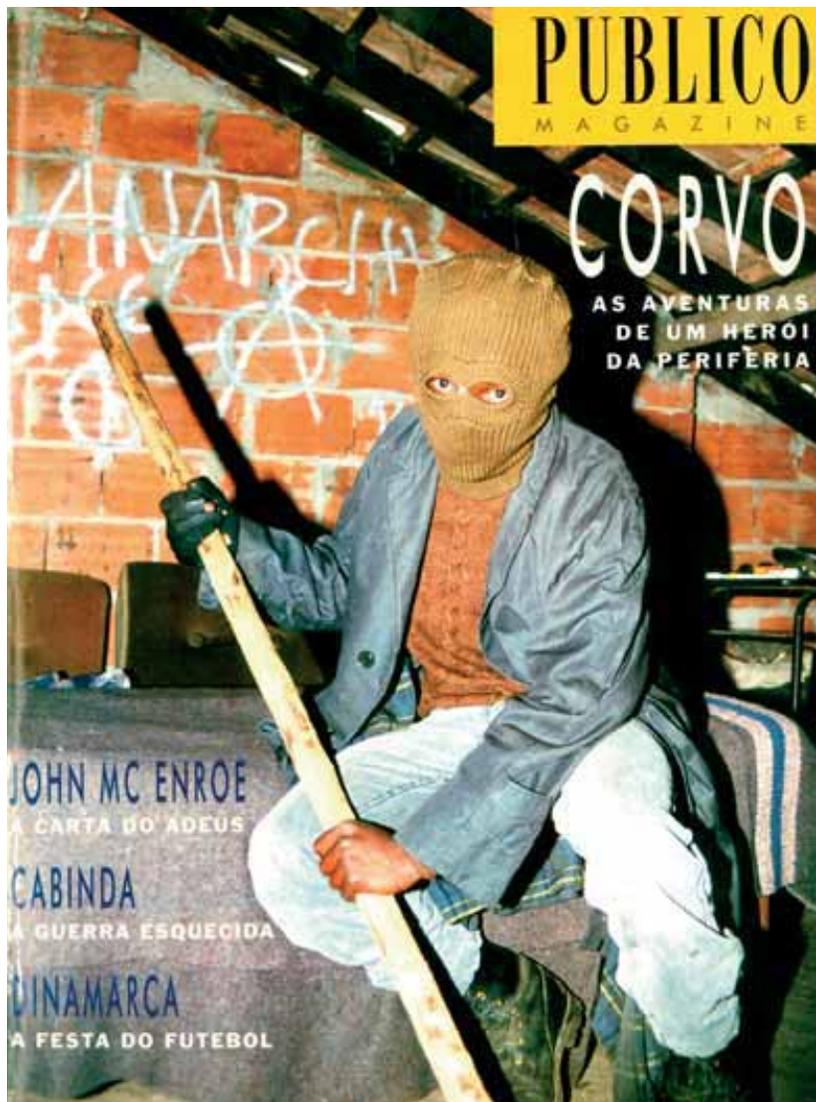
● Subitamente, a pancadaria começou. Pouco passava das 11 da noite e o campo de batalha estendia-se entre a via rápida de Sintra e a entrada de Queluz de Baixo. De um lado os do Ghetto, do outro os do Gang do Limão. Ao todo, seriam umas seis dezenas de jovens entre os 14 e os 21 anos. Durante quase meia hora choveram calhaus, houve paulada, lutou-se corpo a corpo. No fim da refrega, ficaram umas cabeças partidas, uns arranhões e uma imensa sensação de alívio.

Um mês depois, o pessoal do Gang do Limão juntava-se aos do Ghetto, da Beat Street, da Gália e até do Bronx, de Rio de Mouro, para dar caça a um inimigo comum. Era o "Corvo", uma misteriosa criatura alada que irrompia onde menos se esperava e atacava, indistintamente, gente de todos os bandos de Massamá. No dia 22 de Maio, às dez da noite, o Corvo entregava-se às centenas de jovens que, mais uma vez, se preparavam para a "batida".

Perante a estupefacção geral, o Corvo, ágil como ninguém, mas sem asas, entrou no recinto e desfez o enigma. Afinal, ele era o Beto, o carismático líder do Ghetto, o mais respeitado de todos eles. Tudo o que ele pretendia era unir os grupos, acabar com as rivalidades, fazer frente à droga. As palmas caíram e a "caçada" acabou num jogo entre todos os bandos, sem paus nem correntes, sem pedras nem navalhas. A pedido do Beto. Um cabo-verdiano com 21 anos que dava tudo para pertencer ao Grupo de Operações Especiais da PSP. Apesar dos óculos e dos sentimentos que nutre pela GNR.

Há uma dúzia de anos atrás, a quase cidade que agora é Massamá pouco mais era que a única aldeia sobrevivente da Linha de Sintra. Entre o chafariz e o caminho de ferro, à beira da vacaria, cresceu o Casal do Olivai. Uma pequena urbanização de prédios de quatro pisos, arejada, rodeada de montes e searas. Mais tarde, o betão foi ganhando terreno, aproximando-se da estação de Barcarena, puxando o Casal para Lisboa. Lentamente, o ambiente rural foi dando lugar aos tíques suburbanos.

Nos primeiros anos da década de 80, a família Cabral instalou-se no Casal do Olivai. A viagem começara em 1975 no Tarrafal, Cabo Verde, e tivera uma escala de vários anos no Monte Abraão, em casa da avó. Felisberto, Beto, era o terceiro da casa, com duas raparigas antes dele e três rapazes já nascidos entre Queluz e Massamá. O pai era homem de polícias, mares e emigrações várias. Apesar da numerosa



O autor

José António Cerejo



Nasceu em 1950, em Belas. Entrou no PÚBLICO com a equipa fundadora, em 1989, aqui se mantendo até hoje.

prole, as economias deram para casa própria, o andar do Casal do Olivai. Em volta dos lotes esverdeados, outros prédios iam aparecendo, mais e mais empregados e funcionários iam chegando.

A acabar a infância, Beto já tinha um numeroso grupo de amigos, uma energia indomável e uma enorme sede de ar e de rua. (...)

Branco e pretos – estes mais numerosos –, rapazes e raparigas – estas a contarem-se pelos dedos –, marcavam progressivamente o território, identificavam-se cada vez mais com o bairro: eram cada vez mais

um grupo, um bando, um gang. Com guerras pelo meio, como não podia deixar de ser, mas com uma espantosa capacidade de afirmação face ao exterior.

(...)

Aos 18 anos, Felisberto Cabral patinava entre o oitavo e o nono ano da Secundária de Massamá e via as suas relações com a mãe (doméstica) e o pai (vigilante) num beco sem saída. Na escola, tal como cá fora, toda a gente gostava dele, mau grado as chatices que arranjava. Em casa, a regra era a do mais forte. Chegado o Verão, fez a mala, juntou-se a dois amigos e preparou a fuga para o Algarve.

Ao fim de um mês a viver de expedientes e a dormir na praia, foram apanhados pela GNR e recambiados para Massamá.

À volta, o apartamento do Casal do Olivai ficou com menos um ocupante. Beto, com a ajuda do pessoal do Ghetto, construiu a sua primeira barraca. Foi junto à horta do pai, nos terrenos que separam o bairro do caminho de ferro. Nos meses que se sucederam, no Outono de 1989, a GNR manteve o grupo de baixo de mira. Todos os roubos, violências e desordens eram debitados na conta do Ghetto. O pagamento, esse, era feito em viagens à esquadra do Cacém e em visitas frequentes à barraca do Beto. O que então se passava, só quem lá estava é que sabe. Mas os adolescentes de Massamá não poupam palavras para acusar a Guarda e para a responsabilizar pelos caminhos que alguns deles tomaram.

No ano seguinte, o Ghetto está no auge. A cave do "Charlot" ainda une e abriga a malta. Ouvem-se os Peste & Sida e os Censurados, música punk em geral. As exceções estão nos grupos "rap", "metálicos", "surf" e "rockabilly". Às vezes, as festas acabam à "chanfalhada", sobretudo quando vem gente de fora. Fuma-se, bebe-se, um ou outro entretém-se com um "charro". Injectar-se ninguém se injecta. O "cavalo" ainda está longe. Mas a GNR não despega. E os meninos de cor também não andam nestas andanças.

(...)

O Bairro Alto está no máximo e as noites de fim-de-semana são as mais esperadas. À ida para Lisboa, sobretudo em dias de concertos rock, o Ghetto arrasta centenas de "simpatizantes". As botas são da tropa, os blusões idem, as calças são de ganga. Alguns levam gorros de lã. Como o do Beto. Nos comboios e nas estações, os tons verdes e azuis dominam. Tudo pode acontecer: corridas alucinantes a poucos palmos dos fios de 40 mil quilovoltios; viagens de porta a porta, por fora das carruagens, com os corpos a baloiçar, pendurados das janelas.

E há as noites da Matinha, a mata murada que prolonga os jardins do Palácio de Queluz, do lado de lá da via rápida Lisboa-Sintra. A atracção são os "jogos do Viet", inventados pelo Beto, e que se arrastam entre as 11 da noite e as três da madrugada. Mais uma vez, o essencial é descarregar energias, pôr à prova a destreza e a força de cada um, fazer vibrar o corpo.